

MEMÓRIA CAMPINEIRA (56)

INFLUÊNCIA FRANCESA NO COMÉRCIO LOCAL

Não deixa de ser interessante a notória influência francesa que predominou no comércio local a partir dos meados do século passado. Percorrendo velhas coleções de jornais, deparamos frequentemente com anúncios curiosos que nos falam dessa preferência e simpatia, através do batismo de inúmeras casas com nomes afrancesados. Modistas, joalheiros, alfaiates, cabeleireiros, hotéis, etc., levantavam suas tabuletas de reclame nas quais indicavam a arte de bem comer e de vestir, moldadas pelo reconhecido bom gosto e requintes provenientes daquele país. E na cidade pequena, de casas baixas, de largos beirais, que deitavam sombras nas ruas estreitas de ares provincianos, isso naturalmente causava a melhor impressão, nivelando-a aos grandes centros onde a cultura francesa gozava de larga aceitação.

Em 1880, abriam suas portas o Restaurante “Des Pirinées”, conceituadíssimo pela sua cozinha “a la carte”. Outra casa do mesmo gênero era o “Restaurant de France”, que anunciava em francês pelos jornais as suas especialidades. “La Parisienne” fabricava viaturas elegantes, caleças e coupés nos tipos mais usados em Paris. Localizada à rua do Comércio (Doutor Quirino), centro das mais importantes casas comerciais da época. “La Mode Parisienne” era muito procurada pelas senhoras elegantes, que ali encontravam completo sortimento de fazendas e adornos. Uma oficina de costuras muito conhecida era “Au Printemps”, com especialidade em roupas para crianças.

Chapéus, flores, fitas e enfeites variados podiam ser encontrados nas casas “La Margueritte”, “Mme. Rose” ou na “Ville de Paris”, no Largo da Matriz Nova. Para os cavalheiros que desejassem aprimorado corte de cabelos, barba e bigodes tratados a capricho, com loções de perfumaria estrangeira, não havia melhor do que o “Salon de Paris”, à rua Direita (Barão

de Jaguará). “Cabrier & Cie.” era a firma proprietária da “Alfaiataria Francesa”, à rua do Rosário, casa freqüente pelos elegantes da cidade.

Muito procurada também era a “Chapelaria Francesa”, de Mme. Henriette Bhermann, na praça da Matriz Velha. Escovas, pentes, leques e tranças vendiam-se no “Au Chic Parisien”, sempre em dia com as últimas novidades no gênero.

Outro restaurante apreciadíssimo pela sua mesa requintada era o “La Renaissance”, à rua Regente Feijó. No antigo prédio que existiu onde atualmente se encontra o edifício Kaufmann, durante vários anos funcionou o “Hotel de France”, de Ferdinand Domingos, casa de primeira ordem que mantinha seções de restaurante, bar, sorveteria, confeitaria, salão de chá, fábrica de doces finos, encarregando-se também de pensões a domicílio e serviço completo para casamentos e batizados.

“Weill & Frères”, forneciam fazendas, plumas, flores e bordados de importação em larga escala. Tornou-se famosa pelas suas múltiplas atividades a casa “Au Monde Elégant”, de Alfredo Genoud, mais tarde denominada “Casa Genoud”, com seções de livraria, papelaria, armarinhos, brinquedos, músicas e instrumentos, fábrica de caixas de papelão, perfumaria e tipografia.

Um dos mais conhecidos estabelecimentos de moda que a cidade contava no seu importante comércio era a “Notre Dame de Paris”, de proprietários portugueses, localizada à rua Dr. Quirino, canto do tradicional Beco do Inferno, hoje desaparecido. Além do grande e primoroso estoque de fazendas finas, casimiras, lã e sedas importadas dos mais afamados produtores europeus, esta casa, freqüentada pela alta sociedade campineira, mantinha “atelier” de costura sob a direção de hábil contra-mestra francesa. Dali saíam finíssimos enxovais para noivas endinheiradas que exigiam o que havia de melhor no ramo.

Outro estabelecimento de hospedagem bastante conhecido era o “Hotel de Paris”, de Pierre Lambourget, na rua do Bom Jesus. Relógios e jóias finas encontravam-se em “Au Perret”, à rua Direita. Roupas feitas para homens e crianças forneciam Henri Bloch & Frères. Modas para as senhoras em geral, chapéus, rendas, fitas, plumas, fivelas, alfinetes, fantasias e adornos de penas vendiam-se em “La Mode Parisienne”, à rua do Comércio.

Quanta seda fina, rendas primorosas, leques deslumbrantes e bijuterias de muito gosto proveniente de Paris, Lyon e Marselha, não

despertou a vaidade de nossas vovós, então moças elegantíssimas, cujos vestidos eram talhados sob modelos do “Miroir des Dames” ou de “La Mode Illustrée”. As grandes mangas folhudas, os corpetes ajustados e as amplas saias compridas até os pés, certamente exigiam remates e enfeites de qualidade que a França exportava com os requintes de seu artesanato até hoje insuperável. E Campinas estava à altura de satisfazer todos os caprichos da moda masculina e feminina, através de casas especializadas e importadoras sempre em dia com os últimos lançamentos.

(Mendes, José de Castro - **História de Campinas**: suplemento do “Correio Popular”, nº 10: 6-7. 31 de outubro de 1968).